

WATCHMEN

No. 1 of 12 \$1.50 \$2.10/CAN



WATCHMEN



SEPTEMBER 1986

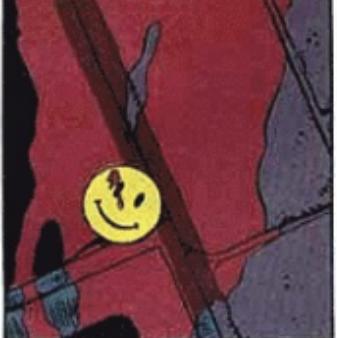


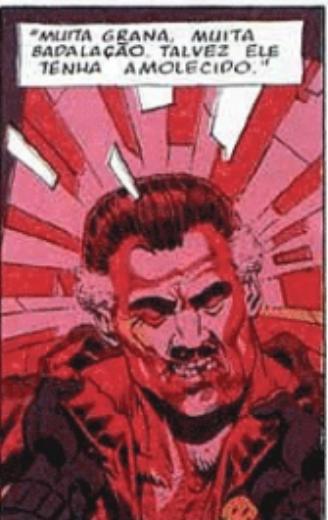
DIÁRIO DE RORSCHACH.
12 DE OUTUBRO DE 1985.

CARCAÇA DE UM CÃO MORTO NO BECO HOJE DE MANHÃ COM MARCAS DE PNEU NO VENTRE RASGADO. A CIDADE TEM MEDO DE MIM. EU VI SUA VERDADERA FACE.

AS RUAS SÃO SARJETAS DILATADAS CHEIAS DE SANGUE E, QUANDO OS BUEIROS TRANSBORDEM, TODOS OS VERMES VÃO SE AFOGAR.

A IMUNDÍCIE DE TODO SEXO E MATANÇAS VAI ESPUMAR ATÉ A CINTURA E OS POLÍTICOS E OS PUTAS VÃO OLHAR PARA CIMA ORITANDO "SALVE-NOS..."





"É MESMO! BEM, CA' ENTRE NOS, ACHO QUE A GENTE PODE DESCARTAR O FORD COMO SUSPEITO."

"UM ESTRAGO DESSES NÃO É DO SEU ESTILO!"

ISSO SERIA ENGRAÇADO SE A GENTE TIVESSE ALGUMA PISTA PRA SEGUIR.

AFINAL, DO QUE SE TRATA? LEVARAM UMA GRANINHA, MAS ISSO NÃO FOI UMA ROUBO CONVENCIONAL...

"ALGUÉM TRAMOU MESMO FRA CIMA DO CARA".

"PENSA BEM! COMO ELE ATRAVESSOU A JANELA?"

"TALVEZ TENHA TROPE-GADO."

"SÓ SE TIVER SIDO ARREMESSADO."

"QUE NADA. É VIDRO REFORÇADO, NEM UM CARA ENORME COMO ELE CONSEGURIA QUEBRAR."

BEM, SE ERA TÃO GRANDE QUANTO VOCÊ DIZ, ESSE EDWARD BLAKE NÃO PODERIA TER SIDO ERGUIDO POR UM HOMEM SO, SÃO DOIS ASSALTOANTES NO MÍNIMO.

QUAL O ANFAR?

AH, TÉRREO, POR FAVOR.

"TÉRREO A CAMINHO!"

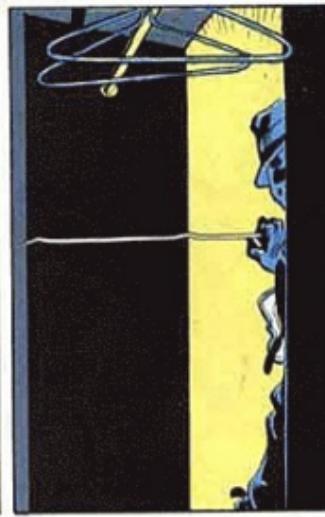


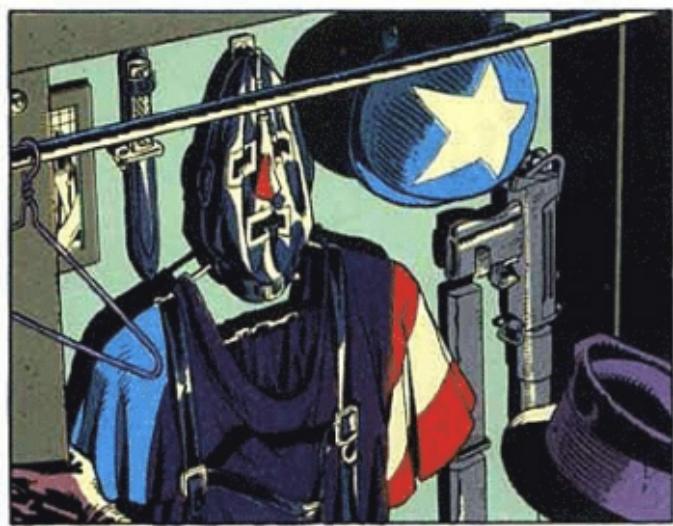




À MEIA-NOITE, TODOS OS AGENTES...



















DORMI O DIA TODO. ACORDEI AS 16:37, COM A SENHORA RECLAMANDO DO CHEIRO. ELA TEM CINCO FILHOS DE CINCO PAIS DIFERENTES. DEVE ENGANAR A PREVIDÊNCIA SOCIAL.

LOGO VAI ANOITECER.

LA' EMBAIXO A CIDADE
ÓRTA COMO UM MATA-
DOURO CHEIO DE
CRIANÇAS RETAR-
DADAS. NOVA YORK.

SEXTA À NOITE UM
COMEDIANTE MORREU EM
NOVA YORK.

ALGUÉM SABE, POR QUÉ.

LA' EM-
BAIXO...

ALGUÉM SABE.

O CREPÚSCULO FEDE A
FORNICAÇÃO E MAS
CONSCIÊNCIAS.

HAPPY HARRY'S

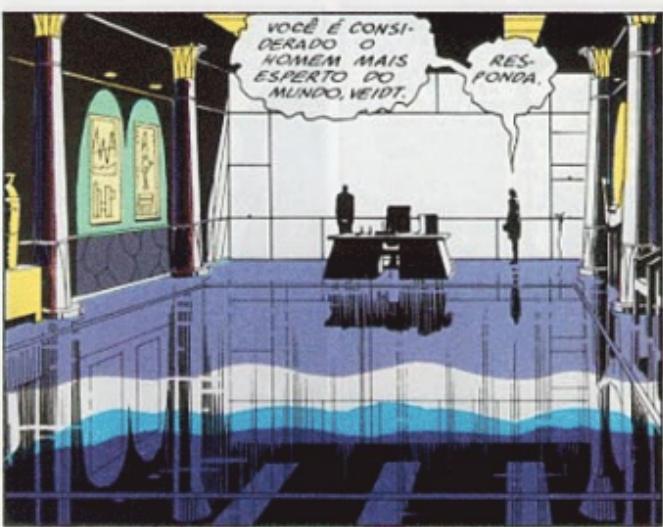
BAR GRILL

ACHO QUE VOU ME
EXERCITAR.





PEIXO AS BARATAS HUMANAS DISCUTINDO HEROINA E PORNOGRAPHIA INFANTIL. TENHO ASSUNTOS A TRATAR COM OUTRA CLASSE DE PESSOAS.



NÃO TERIA SIDO UM CRIME POLÍTICO? TALVEZ OS SOVIE-TICOS...



O HOMEM ERA PRATICAMENTE UM NAZISTA.



NUNCA LUCROU COM SUA REPUTAÇÃO.



NUNCA SE PROSTITUIU.

SE ISSO FAZ DELE UM NAZISTA, PODE ME INCLUIR TAMBÉM.



RORSCHACH...

EU SEI
QUE NUNCA
FOMOS
AMIGOS,
MAS VOCÊ
ESTÁ SENDO
INJUSTO.

NINGUÉM ME
AFOSENTOU, EU
DESISTI DAS
AVENTURAS E
REVELEI MINHA
IDENTIDADE PÔIS
ANOS ANTES
DA GREVE NA
POLÍCIA QUE
PROVOCOU A
LEI KEENE.

SIM, BEM
OPORTUNO.
SÓ VIM ALERTAR
SOBRE O ASSASSI-
NO. PRA VOCÊ NÃO
ACABAR SENDO O
CARA MAIS ESPERTO
DO NECROTÉRIO.
MAS PELO
VISTO EXISTEM
FINS MUITO
PIORES.



CLARO.
TENHA UM BOM
DIA.

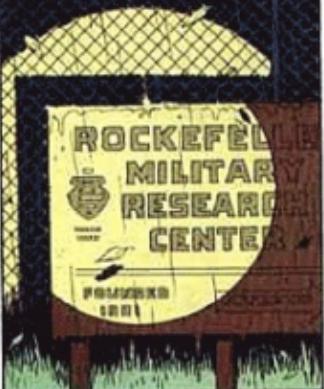


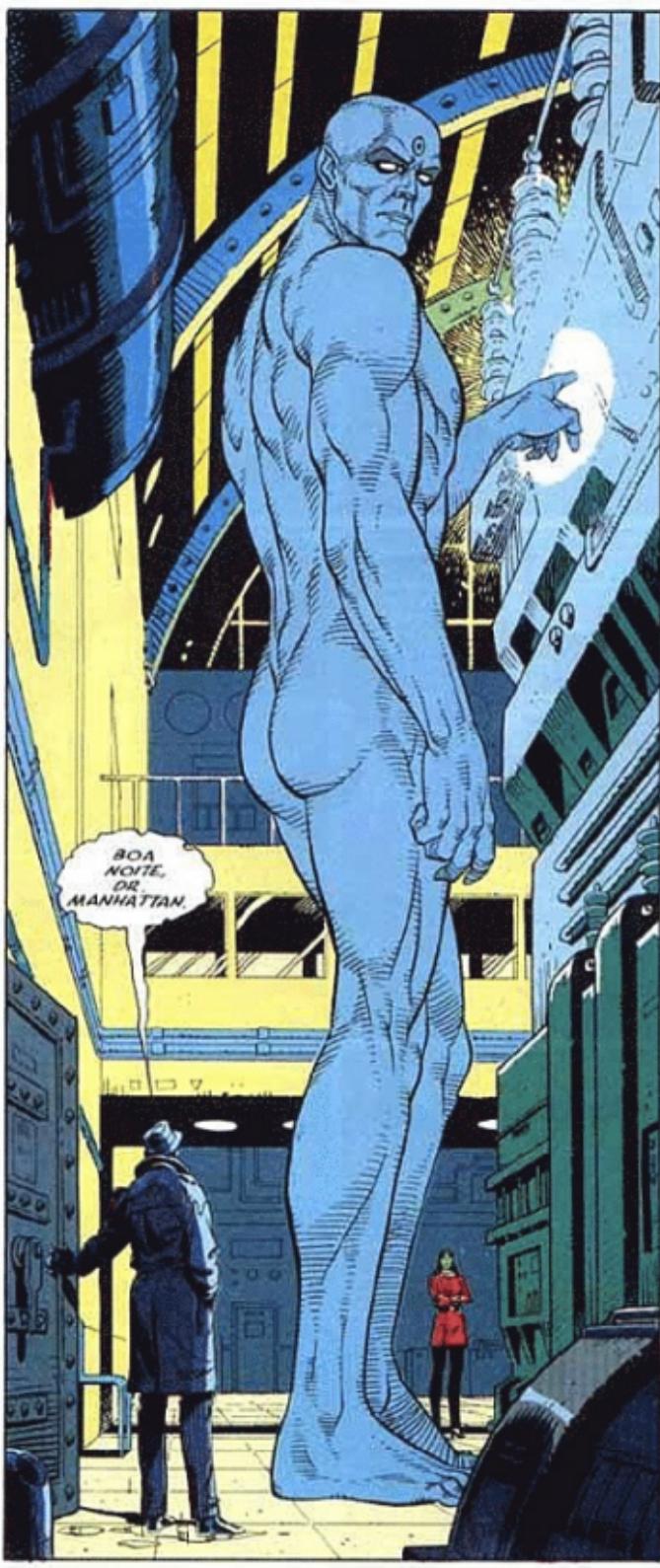
DIÁRIO DE RORSCHACH, 13 DE OUTUBRO DE 1985, 20:30.

ENCONTRAR VEIPT ME PEIXOU UM GOSTO RUIM NA BOCA. ELE É MIMADO E PECADENTE, TRAIU ATÉ MESMO SUAS PRÓPRIAS HIPÓCRESIAS LIBERAIS.

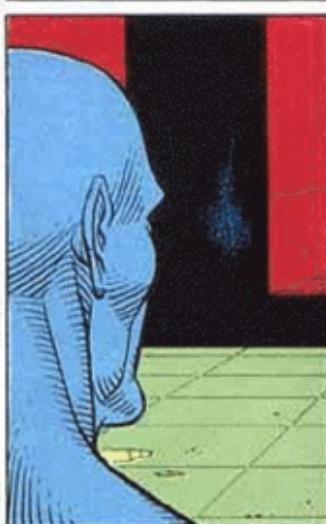
DREIBERG NÃO FICA ATRAS. UM FRACASSADO LAMURIANDO-SE NO PORÃO.

POR QUE RESTAM TÃO POUCOS DE NÓS NA ATIVA E SEM DESVIOS DE PERSONALIDADE?

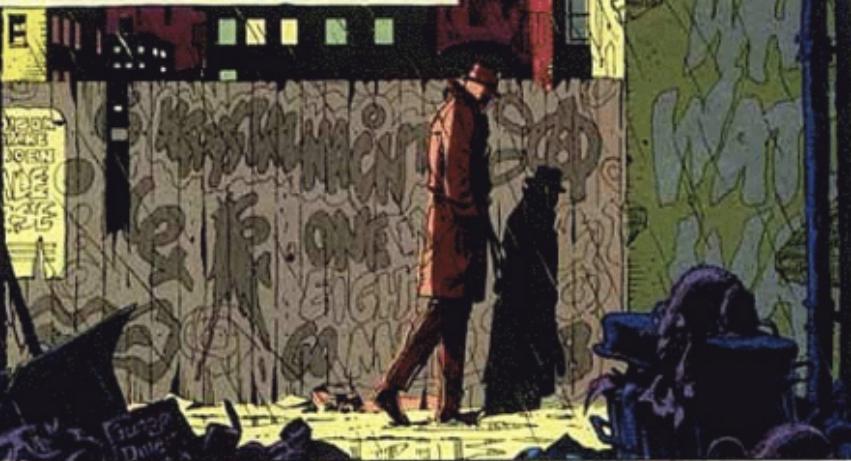












SEXTA À NOITE UM COMERCIANTE MORREU EM NOVA YORK.

JOGADO PELA JANELA.
QUANDO ATINGIU A CALÇADA, A CABEÇA DELE ENTROU NO ESTÔMAGO.

NINGUÉM LIGA.



SERA QUE ELES ESTÃO CERTOS?

LOGO VAI Haver GUERRA.
MILHÕES VÃO QUIMBRAR. MILHÕES
VÃO PERCORRER PE
DOENÇA E MISÉRIA.

FOR QUE SE
IMPORTR COM UMA
MORTE?

FORQUE EXISTE O BEM
E O MAL. E O MAL
TEM DE SER PUNIDO.
MESMO A BEIRA DO
FIM, ISSO NÃO VAI MUDAR.

MAS MUITOS
MERECEM
PUNIÇÃO...

...E HÁ TÃO
POUCO TEMPO.







A meia-noite,
todos os
agentes e
super-
humanos
saem e
prendem
qualquer um
que saiba
mais do que
eles.

— Bob Dylan



SOB O CAPUZ

Apresentamos aqui trechos da autobiografia de Hollis Mason, *SOB O CAPUZ*, até o ponto em que ele se tornou o aventureiro mascarado Coruja. Reproduzido com permissão do autor.

I.

Amulher que trabalha no armazém na esquina do meu quarteirão chama-se Denise e é uma das maiores romancistas inéditas da América. Ao longo dos anos, ela escreveu 42 romances, nenhum dos quais chegou às livrarias. No entanto, tive a sorte de ouvir os argumentos de suas últimas 27 obras relatados em capítulos pela própria autora sempre que eu punha os pés no estabelecimento para tomar uma xícara de café ou comprar feijão. Meu respeito pelos dotes literários de Denise é ilimitado. Portanto, ao me deparar com a aterrorizante tarefa de começar o livro que você agora tem em mãos, nada mais natural que eu a tenha procurado em busca de conselhos.

— Olha, eu não faço idéia de como se escreve um livro — falei. — Tenho um monte de idéias na cabeça e quero pôr no papel, mas o que eu abordo primeiro? Por onde começo?

Sem levantar os olhos das caixas de detergente em que estava afixando as etiquetas de preços, Denise, de bom grado, ofereceu-me uma pérola de sabedoria com sua voz repleta de condescendência.

— Comece pela coisa mais triste que conseguir imaginar e conquiste logo a simpatia do leitor. Depois disso, vai por mim, tudo fluirá sem esforço.

Obrigado, Denise. Este livro é dedicado a você, pois eu não saberia escolher entre todas as outras pessoas a quem ele poderia ser dedicado.

A coisa mais triste que consigo pensar é *A Cavalgada das Valquírias*. Toda vez que ouço essa música fico deprimido e começo a meditar sobre a humanidade, as injustiças da vida e naquelas coisas que pensamos por volta das três da manhã quando a má-digestão não nos deixa dormir. Sei que ninguém mais no planeta enxuga as lágrimas quando escuta essa comovente composição, mas isso é porque eles não conhecem Moe Vernon.

Quando meu pai resolveu arriscar a sorte e deixou a fazenda de meu avô em Montana para levar a família a Nova York, Moe Vernon foi o primeiro homem que lhe deu emprego. A Oficina de Automóveis Vernon ficava na Sétima Avenida e, embora meu pai tenha começado a trabalhar lá somente em 1928, o movimento já era grande o suficiente para assegurar um salário que garantisse alimento e roupas para mim, minha mãe e minha irmã, Liantha. Papai sempre demonstrou bastante entusiasmo com seu trabalho, e eu achava que era porque ele tinha paixão por carros. Reconstituindo minhas lembranças, vejo agora que era mais do que isso. Devia significar muito para ele o simples fato de ter um emprego e ser capaz de manter a família. O pobre homem havia discutido muito com o pai a respeito de se mudar para o leste em vez de assumir a fazenda, como o velho havia planejado. A maioria das discussões terminava com meu avô antevendo miséria e ruína moral para meu pai e minha mãe se eles se estabelecessem em Nova York. Poder levar a vida que havia escolhido e manter a família acima da linha de pobreza apesar dos alertas do meu avô deve ter significado mais para meu pai do que qualquer outra coisa no mundo, mas isso é algo que só entendo hoje, muito tardeamente. Naqueles tempos, eu simplesmente achava que ele era vidrado em virabrequins.

Seja como for, eu tinha 12 anos quando saímos de Montana. Por isso, durante os anos seguintes na cidade grande, eu estava na idade certa para apreciar as idas ocasionais à oficina com meu pai, onde conheci Moe Vernon, seu patrão.

Ele era um homem com seus 55 anos e tinha um daqueles rostos antigos que não se vêem mais hoje. É engraçado, mas certos rostos parecem entrar e sair de moda. Quando se olha fotogra-



Oficina de Automóveis Vernon circa 1928. Da esquerda para a direita: meu pai, eu aos 12 anos, Moe Vernon e Fred Motz.

fias antigas, todo mundo tem uma certa aparência, quase como se fossem parentes. Observe fotos de dez anos mais tarde e você vai notar que há um novo tipo de face começando a predominar, enquanto que as mais antigas vão desaparecendo para nunca mais serem vistas. O rosto de Moe Vernon era mais ou menos assim: três queixos, um lábio inferior franzido como de quem sabe tudo, uma certa concavidade em torno dos olhos, o cabelo batendo em retirada cabeça abaix, ensaiando um encontro com a etiqueta no colarinho da camisa.

Eu entrava na oficina com meu pai e Moe estava sempre sentado em seu escritório, que tinha laterais de vidro para que ele pudesse ver os funcionários trabalhando. Às vezes, quando queria averiguar alguma coisa com seu chefe, meu pai me mandava lá para fazer isso por ele, o que significava que eu podia ver o santuário de Moe. Ou melhor, que podia ouvi-lo.

Sabe, o Moe era fã de ópera. Ele tinha um gramofone num canto da sala e o dia inteiro punha para tocar velhos discos de 78 rotações, repletos de chiados, com suas obras favoritas o mais alto possível. Pelos padrões de hoje, aquele "o mais alto possível" não chegava a fazer muito barulho, mas soava um bocado cacofônico nos anos 30, quando tudo em geral era mais silencioso.

Outra coisa peculiar no Moe era seu senso de humor, bem representado pelos trechos que ele mantinha na primeira gaveta lateral de sua mesa.

Em meio à bagunça de elásticos, cliques de papel e recibos, Moe guardava uma das maiores coleções de artigos de gosto duvidoso que eu já vi. Eram brinquedinhos e bugigangas que ele havia recolhido em lojas de quinquilharias ou em visitas a Coney Island. No entanto, o que chamava mesmo atenção era a enorme variedade de objetos, como aquelas engenhocas que seu pai trazia para casa depois de beber com os amigos, e que matavam sua mãe de vergonha; aquelas canetas esferográficas com garotas na lateral cujos maiôs desapareciam quando eram viradas de ponta-cabeça; aqueles galheteiros em forma de seios femininos; e aqueles cocôs de cachorro feitos de

SOB O CAPUZ

plástico. O Moe tinha as manhas. Sempre que alguém entrava em seu escritório ele tentava surpreender a vítima exibindo o achado mais recente. Na verdade, isso chocava mais a meu pai do que a mim. Acho que ele não gostava da idéia de ver o filho exposto àquilo, provavelmente por causa dos alertas morais que meu avô havia inculcado em sua cabeça. De minha parte, eu não me ofendia e até achava engraçado. Não pelas coisas em si... já naquela época eu era grandinho demais para me divertir com esse tipo de brincadeira. O que eu achava graça era no fato de que, sem razão aparente, um homem adulto tivesse uma gaveta cheia de bugigangas ridículas.

Seja como for, certo dia, em 1933, pouco depois de completar 17 anos, fui ajudar meu pai a fuçar no motor de um Ford quebrado na oficina de Moe. Ele estava no escritório e, embora só viéssemos a saber depois, usava um par de seios femininos artificiais feitos de espuma pintada. Pretendia arrancar algumas gargalhadas do sujeito que levava até ele a correspondência deixada pela manhã na recepção. Enquanto aguardava, ouvia Wagner.

A correspondência chegou como de hábito e o entregador deu um riso burocrático ao ver as avantajadas mamas do patrão antes de sair para que Moe abrisse e lesse as cartas. Entre elas (como soubemos mais tarde), havia uma de sua esposa, Beatrice, informando-o de que nos últimos dois anos vinha dormindo com Fred Motz, o mecânico mais antigo e confiável da Oficina de Automóveis Vernon, e que, estranhamente, não dera as caras naquela manhã. De acordo com os últimos parágrafos da carta, isso devia-se ao fato de que Beatrice havia retirado todo o dinheiro da conta conjunta que mantinha com o marido e partido com Fred para Tijuana.

Os funcionários da oficina ficaram sabendo do ocorrido quando a porta do escritório foi escancarada e a execução assustadoramente alta e cheia de chiados de *A Cavalgada das Valquírias* reverberou de seu interior. Emoldurado pelo batente, com lágrimas nos olhos e a carta amarranhada nas mãos, Moe estava inerte, com todos os olhares voltados para ele. O pobre homem ainda estava usando o par de seios falsos. Quase inaudível sob os acordes de Wagner, ele falou, expressando tanta dor, ultraje e humilhação que o resultado soube destituído de qualquer entonação.

— Fred Motz teve relacionamentos carnais com minha esposa Beatrice durante os últimos dois anos.

Depois continuou lá, com as lágrimas escorrendo pelos queixos múltiplos e ensopando a espuma das mamas postiças, fazendo pequenos sons no tórax e na garganta que logo eram esmagados e soterrados pelos cascos das Valquírias.

E todo mundo começou a gargalhar.

Não sei o que houve. Nós vimos que ele estava chorando, mas foi algo na maneira atonal como falou, parado lá usando um par de seios artificiais com toda aquela música estrondosa e triunfal avolumando-se ao seu redor. Nenhum de nós pôde evitar. Meu pai e eu nos dobrávamos de rir e os outros, trabalhando nos carros mais próximos, enxugavam as lágrimas provocadas pelo riso, lambuzando suas faces de óleo. Moe apenas nos fitou por um minuto, depois voltou para sua sala e fechou a porta. Logo em seguida, Wagner foi interrompido pelo ruído da agulha sendo retirada do disco e fez-se silêncio.

Cerca de meia hora se passou antes que alguém fosse pedir desculpas em nome de todos os demais e ver se Moe passava bem. Ele aceitou



Minha formatura na Academia de Polícia (1938).

as desculpas e disse que estava ótimo. Ao que parece, falou isso sentado à mesa, as mamas deixadas de lado, retomando a rotina normal de sua papelada como se nada tivesse acontecido.

Naquela noite ele mandou todo mundo mais cedo para casa. Depois conectou uma mangueira ao escapamento de um dos carros em melhores condições da oficina, levou-a até a janela do veículo, ligou o motor e entregou-se a um último e amargo sono em meio à fumaça de monóxido de carbono. Seu irmão assumiu o negócio e tempos depois até recontratou Fred Motz como chefe dos mecânicos.

Essa é a razão por que *A Cavalgada das Valquírias* é a coisa mais triste que consigo imaginar, ainda que diga respeito à tragédia de outra pessoa. Eu estava lá e ri juntamente com os demais. Acho que isso também faz parte de minha história.

Se a teoria de Denise estiver correta, eu devo ter conquistado a sua total simpatia e o resto fluirá sem esforços. Portanto, é melhor falar sobre as coisas que provavelmente o levaram a comprar este livro. Talvez agora seja seguro dizer por que sou mais doido do que Moe Vernon. Eu nunca tive uma gaveta cheia de bugigangas eróticas, mas acho que acalentei meus próprios desvios. E, embora jamais tenha usado um par de mamas falsas em toda a minha vida, andei por aí vestido de maneira quase tão estranha, com lágrimas nos olhos enquanto as pessoas morriam de rir.

II.

Em 1939 eu tinha 23 anos e trabalhava na força policial de Nova York. Até hoje nunca parei para pensar por que escolhi justamente essa carreira em particular, mas suspeito que isso tenha sido resultado de inúmeros motivos. O principal, provavelmente, foi o meu avô.

Embora me ressentisse do velho pelo montante de culpa, pressão e recriminação a que havia submetido meu pai, imagino que o simples fato de passar os primeiros 12 anos de vida nas proximidades de meu avô tenha estampado indelevelmente em mim um certo conjunto de valores morais. Jamais fui tão radical em minhas convicções em relação a Deus, à família e à bandeira quanto o pai do meu pai, mas, parando para pensar, vejo noções básicas de decência que foram passadas diretamente de meu avô para mim. Ele se chamava Hollis Wordsworth Mason e talvez por meus pais o terem lisonjeado me batizando com seu nome o velho sempre dedicou atenção especial à minha formação. Uma das coisas que ele se esmerava em me transmitir era que as pessoas do campo tinham mais saúde moral do que os habitantes das grandes metrópoles, e que as cidades não passavam de fossas sépticas para onde toda a desonestade, ganância, luxúria e ateísmo do mundo escorriam, e ali ficavam a fim de se disseminar sem restrições. Obviamente, à medida que fui amadurecendo e percebendo o quanto de alcoolismo, violência doméstica e abuso infantil se escondia por trás das fachadas tranquilas das fazendas de Montana, comprehendi que as observações de meu avô eram um tanto quanto parciais. Não obstante, algumas das coisas que vi durante meus primeiros anos na cidade me causaram uma espécie de repulsa da qual não consegui me desvencilhar. Sob certos aspectos, não fiz isso até hoje.

Os gigolôs, os pornógrafos, os criminosos que cobram proteção. Os senhorios que atacam cães sobre inquilinos idosos quando querem espantá-los para poder negociar contratos mais lucrativos. Os homens que acariciam crianças pequenas e os jovens e insensíveis estupradores que mal têm idade para se barbear. Eu via todas essas pessoas ao meu redor e me sentia enojado do mundo e daquilo em que ele estava se transformando. Pior ainda: havia ocasiões em que eu chegava a importunar papai e mamãe alardeando que desejava voltar para Montana. Apesar de tudo, jamais desejei realmente isso, mas às vezes ficava tão furioso com eles que essa me parecia a



O aventureiro mascarado ganha as primeiras páginas (New York Gazette, 14 de outubro de 1938). No detalhe, o "Justiceiro Encapuzado" na conceção de um desenhista.

melhor maneira de magoá-los, de despertar novamente todas aquelas antigas dúvidas, preocupações e culpas adormecidas. Hoje lamento ter agido assim e gostaria de ter dito isso a eles enquanto estavam vivos. Queria poder dizer que agiram certo em me trazer à cidade, que fizeram o melhor para mim. Suas vidas teriam sido muito menos difíceis.

Quando o hiato entre a realidade e o mundo que meu avô me apresentou como justo e bom tornava-se amplo e depressivo demais para tolerar, eu me recolhia em minha outra grande paixão, que eram as revistas *pulp*. Embora Hollis Mason Sénior só conseguisse expressar críticas e aversão a todas aquelas publicações violentas e extravagantes, havia uma espécie de moralidade naquelas histórias que ele certamente teria aprovado.

do. Os mundos de Doc Savage e do Sombra eram caracterizados por valores absolutos, onde o que era bom jamais suscitava a menor das dúvidas e onde o que era mau inevitavelmente sofria algum castigo apropriado. A noção de bem e justiça advogada por Lamont Cranston com seu chapéu inclinado e suas automáticas reluzentes parecia muito distante da nutrida pelo austero e taciturno ancião que nas minhas lembranças estava sempre sozinho à noite em Montana acompanhado apenas da Bíblia. Entretanto, não posso evitar a sensação de que, se alguma vez se encontrasse, os dois certamente teriam muito sobre o que conversar. Para mim, todos aqueles detetives e heróis brilhantes e perspicazes ofereciam o lampejo de um mundo perfeito onde a moralidade funcionava do jeito que devia funcionar. Ninguém no mundo de Doc Savage se suicidava, a não ser os enlouquecidos assassinos kamikazes ou espiões inimigos munidos de cápsulas de cianureto. Em que mundo você preferiria viver se pudesse escolher?

A resposta a essa pergunta, suponho, foi o que me levou a ser um policial. Foi também o que me transformou, tempos depois, em algo mais do que isso. Se você tiver esse aspecto em mente, o resto desta narrativa será mais fácil de engolir. Sei que as pessoas sempre tiveram dificuldade em entender o que leva alguém a agir da maneira como eu e outros agimos, o que nos motivou a fazer as coisas que fizemos. Não posso responder pelos demais, e imagino que as nossas respostas seriam diferentes, mas no meu caso a explicação é bem clara: eu apreciava a idéia de aventura e me sentia mal se não estivesse fazendo o bem. Já ouvi todas as teorias psicológicas a respeito, bem como as piadas, rumores e insinuações, mas tenho como líquido e certo que me fantasiei de coruja e combati o crime porque era divertido, porque era algo que precisava ser feito e porque eu tinha muita vontade de fazer aquilo.

Muito bem. Aí está. Acabei de dizer. Eu me fantasiei. De coruja. E combati o crime. Talvez você comece a ver por que penso que este sumário de minha carreira provocará mais gargalhadas do que o pobre e cornudo Moe Vernon com suas tetas de espuma e seu Wagner.

Para mim, tudo começou em 1938, o ano em que inventaram os super-heróis. Eu era velho demais para ler gibis, ou pelo menos para fazer isso em público sem comprometer minhas chances de promoção, quando a primeira edição de *Action Comics* foi lançada. Durante as minhas rondas, observei um bando de garotos lendo a revista e não pude resistir a dar uma folheada. Se alguém me visse, eu explicaria que só estava tentando manter um bom relacionamento com os jovens da comunidade.

Havia um bocado de coisas naquela primeira edição. Muitos contos de detetive e histórias sobre mágicos cujos nomes não consigo lembrar, mas só tive olhos para a aventura do Super-Homem. Lá estava uma coisa que apresentava a moralidade básica das revistas *pulp* sem trevas nem ambiguidades. A atmosfera sinistra que pairava ao redor do Sombra não existia nas fulgurantes cores primárias do mundo do Super-Homem, e não havia indícios do apelo sexual reprimido que algumas vezes transparecia nas *pulps*, para meu desconforto e constrangimento. Nunca tive muita certeza do que Lamont Cranston pretendia com Margo Lane, mas apostei que nem de longe era tão inocente e puro quanto a relação de Clark Kent com Lois, que compartilhava o mesmo sobrenome da companheira do Sombra. Claro que todos esses antigos personagens desapareceram e agora estão esquecidos, mas apostei que pelo menos alguns leitores mais velhos devem saber do que estou falando. Seja como for, basta dizer que li aquela história umas oito vezes antes de devolver a revista ao guri de quem eu havia arrancado.

Aquela publicação atiçou dentro de mim um monte de coisas que eu tinha esquecido e despertou antigas fantasias que tive aos 13 ou 14 anos de idade: a menina mais linda da classe seria atacada por valentões e eu estaria lá para afugentá-los, mas, quando ela me oferecesse um beijo de recompensa, eu recusaria. Os gângsteres seqüestrariam a minha professora de Matemática, a srta. Albertine, e eu rastrearia o bando e mataria um por um até que ela fosse libertada. Em seguida, ela romperia o noivado com o sr. Richardson, meu sarcástico professor de Inglês, pois estaria perdidamente apaixonada por seu austero e silencioso salvador adolescente. Tudo isso voltou como uma exurreda enquanto eu contemplava apalermado o gibi. E, embora risse de mim mesmo por ter nutrido tais fantasias juvenis, não ri com a intensidade que deveria. Nem mesmo metade do que ri de Moe Vernon, para citar um exemplo.

Seja como for, embora ocasionalmente eu apanhasse emprestado de um pivete a edição mais recente da revista e depois passasse o resto do dia saltando arranha-céus dentro de minha cabeça, essas fantasias estavam destinadas a continuar sendo apenas fantasias se no outono daquele mesmo ano eu não tivesse aberto um jornal e descoberto que os super-heróis haviam escapado de seu mundo de quadricromia e invadido o ordinário e real preto e branco das manchetes dos jornais.

A primeira reportagem era simples e isenta, mas já continha elementos presentes nos delírios que habitavam um cantinho reservado em meu coração. A notícia dizia respeito a uma tentativa de assalto em Queens, Nova York. Um homem e sua namorada, voltando para casa após irem ao cinema, foram cercados por três homens armados. Depois de se apropriar de todos os pertences do casal, o bando pôs-se a agredir o jovem enquanto ameaçava violentar a garota. Nesse momento, os assaltantes foram interrompidos por uma figura "que saltou para dentro do beco com alguma coisa sobre o rosto", desarmou-os e espancou-os com tanta violência que eles tiveram de ser hospitalizados. Um deles perdeu o uso de ambas as pernas em decorrência de uma lesão na espinha. O relato das testemunhas era confuso e contraditório, mas ainda assim havia alguma coisa familiar nele. Então, uma semana depois, aconteceu novamente.

A reportagem sobre o segundo caso era mais detalhada. O assalto a um supermercado havia sido evitado graças à intervenção de "um homem alto, com compleição de campeão de luta livre, usando capuz negro, capa e um laço em volta do pescoço". Esse ser extraordinário atravessou a vitrine enquanto o roubo estava em andamento e atacou um dos assaltantes com tanta selvageria que os outros imediatamente largaram as armas e se renderam. Relacionando esse incidente com o anterior, os jornais redigiram a notícia sob a manchete "Justiciero Encapuzado". E assim foi batizado o primeiro aventureiro mascarado fora dos quadrinhos.

Lendo e relendo aquele artigo, eu soube que deveria ser o segundo. Havia encontrado a minha vocação.

